

Discursos pandêmicos em contextos periféricos: uma análise semiolinguística de relatos do site “Periferias na Pandemia”

Pandemic discourses in peripheral contexts: a semiolinguistic analysis of reports from the website “Periferias na Pandemia”

Ana Cláudia Mello da Silva¹ 

RESUMO

A pandemia de Covid-19 afetou intensamente a sociedade brasileira, evidenciando ainda mais as desigualdades existentes no país, dada a desproporcionalidade no atingimento de populações periféricas. Nesse cenário, surgiu o site “Periferias na pandemia”, que reúne diversos relatos de sujeitos periféricos quanto às suas vivências nesse período. Em vista disso, esta pesquisa objetiva analisar, pela abordagem semiolinguística do discurso, três relatos produzidos por sujeitos do norte, sudeste e nordeste, a fim de investigar o contrato de comunicação, as estratégias discursivas e os imaginários sociodiscursivos que neles se manifestam. A metodologia utilizada, portanto, é qualitativa-interpretativa, tratando-se de um trabalho incluso no campo da Análise do Discurso. Foi possível observar que os relatos evidenciam como sujeitos de diferentes regiões periféricas do Brasil experienciaram a crise sanitária e social da Covid-19, destacando-se discursivamente a partir de estratégias testemunhais e críticas que legitimam seus lugares de fala. Os discursos, marcados por apelos emocionais, mobilizam principalmente imaginários de negligência governamental, desigualdade e marginalização, ainda que o relato de Alagoas destaque também aspectos positivos, como solidariedade e ensinamentos coletivos advindos da pandemia. Desse modo, os relatos se constituem como importantes formas de expressão de cidadãos periféricos, nos quais eles fazem denúncias e críticas sociais e políticas.

Palavras-chave: Discursos pandêmicos. Periferias. Teoria Semiolinguística

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic has severely impacted Brazilian society, further highlighting the country's existing inequalities, given the disproportionate impact on peripheral populations. In this context, the website “Periferias na pandemia” (Peripheries in the Pandemic) emerged, bringing together diverse accounts from peripheral individuals about their experiences during this period. In view of this, this research aims to analyze, through the semiolinguistic approach of discourse, three reports produced by subjects from the north, southeast and northeast, in order to investigate the communication contract, the discursive strategies and the socio-discursive imaginaries that are manifested in them. Therefore, the methodology used is qualitative-interpretative, encompassing the field of Discourse Analysis. The reports demonstrate how individuals from different peripheral regions of Brazil experienced the Covid-19 health and social crisis, emphasizing their discourse through testimonial and critical strategies that legitimize their positions of speech. The discourses, marked by emotional appeals, primarily mobilize imaginaries of government neglect, inequality, and marginalization, although the Alagoas report also highlights positive aspects, such as solidarity and collective lessons learned from the pandemic. Thus, the reports constitute important forms of expression for peripheral citizens, in which they denounce and criticize social and political issues.

Keywords: Pandemic discourses. Peripheries. Semiolinguistic Theory

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING), do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Belo Horizonte/MG, Brasil. E-mail: anahclaudiams@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 impactou o Brasil e o mundo, dado que acarretou crises sanitárias e socioeconômicas, além de ter exposto e agravado desigualdades sociais. Nesse cenário, foram muitas as mudanças nas dinâmicas em sociedade, uma vez que a necessidade de um maior isolamento social levou à alteração na rotina das pessoas, causou um aumento do índice de desemprego e afetou a saúde mental de muitos indivíduos. Cabe ressaltar que essa crise abalou de forma desproporcional aqueles que se encontravam em situação de vulnerabilidade, haja vista que já viviam em condição precária e enfrentaram dificuldades em diversos campos, como trabalho e educação, pois muitos não podiam parar de trabalhar e não tinham as condições necessárias para se adaptar a esse período.

Esse contexto torna evidente a manifestação do racismo ambiental, conceito que se refere às injustiças sociais e ambientais que afetam desproporcionalmente grupos étnicos vulnerabilizados, como comunidades negras, indígenas e populações periféricas (Pacheco, 2008). O vírus da Covid-19, sendo um agente patogênico capaz de se disseminar pelo ambiente, atingiu profundamente aqueles que não tinham a capacidade de se proteger devido à qualidade do ambiente em que viviam, muitas das vezes, sem acesso ao básico, como água limpa para a higienização, moradia apropriada e ar puro. Dessa maneira, a ocupação histórica de territórios com infraestrutura deficiente por populações periféricas demonstra como essas condições ambientais contribuíram para a rápida disseminação do vírus. A pandemia, portanto, aprofundou as desigualdades já existentes, dificultando ainda mais a recuperação desses grupos.

Diante dessa conjuntura, o projeto “As Margens do Estado na Pandemia: experiências periféricas de (in)segurança humana no Brasil” surgiu como um meio de dar voz àqueles que sofreram um apagamento simbólico durante o contexto pandêmico. Sua criação se deu em agosto de 2020, resultando de uma parceria entre o Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI) da Universidade de São Paulo (USP), e a Fundação Perseu Abramo (FPA), por meio do Projeto Reconexão Periferias. O objetivo da ação foi delinejar um diagnóstico da situação das periferias durante a pandemia de Covid-19 por meio de testemunhos dados por pessoas que compõem tais periferias pelo Brasil. Os relatos são coletados pelo projeto e publicados no site “Periferias na pandemia”, o qual apresenta diversos testemunhos orais, escritos e gráficos de brasileiros periféricos de diversas cidades do país, nos quais eles narram sobre suas experiências ao longo do período pandêmico.

Em vista disso, este trabalho objetiva analisar três relatos escritos publicados no site “Periferias na pandemia”: André (Roraima, Norte), Bruno Queirós (São Paulo, Sudeste) e Laércio Gomes Silva (Alagoas, Nordeste), a partir da abordagem semiolinguística do discurso, a fim de investigar o contrato de comunicação, as estratégias discursivas e os imaginários sociodiscursivos que neles se manifestam. Esses relatos foram escolhidos a fim de contemplar diferentes regiões do Brasil e, assim, captar a pluralidade de experiências vividas nas periferias durante a pandemia. Eles permitem observar como essas pessoas, em situação de marginalização, narram suas vivências em um cenário de crise sanitária, evidenciando narrativas que não costumam ter destaque em contextos discursivos hegemônicos. Dessa forma, uma análise desses discursos é importante ao permitir observar como esses sujeitos constroem sentidos em condições de produção discursiva específicas.

As análises seguirão a perspectiva da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau por se tratar de uma teoria que permite observar como sentidos são construídos por meio da articulação entre linguagem, situação de comunicação e imaginário social. Elencamos as categorias analíticas voltadas ao contrato de comunicação, aos sujeitos do ato de linguagem, às estratégias discursivas e aos imaginários sociodiscursivos a fim de compreender essa inter-relação. Logo, tomaremos como base os estudos de Charaudeau (1996, 2001, 2005, 2006, 2010, 2014, 2017) em articulação com seus leitores Corrêa-Rosado (2014) e Machado (1992). Este trabalho utiliza, portanto, uma metodologia qualitativa-interpretativa baseada na Análise do Discurso, especialmente na abordagem semiolinguística, visando à interpretação de discursos empíricos por meio de categorias analíticas específicas

No que diz respeito à organização deste trabalho, destaca-se que o artigo está estruturado em três partes principais. Na primeira, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta as análises propostas, com ênfase na definição das categorias utilizadas. Na segunda parte, expõe-se a metodologia adotada para a realização do estudo. Por fim, na terceira parte, são apresentadas as análises dos três relatos selecionados, com base nas categorias previamente definidas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Teoria semiolinguística

No campo da Análise do Discurso, a Teoria Semiolinguística (TS) se constitui como uma das vertentes da análise do discurso francesa. Ela foi criada nos anos 1980 por Patrick Charaudeau, um linguista e pesquisador da Universidade Paris XIII. Tal teoria teve como marco de origem a publicação do livro *Langages et Discours* [Linguagens e discursos] em 1983, o qual foi resultado da tese de doutorado de Charaudeau.

A Teoria Semiolinguística é uma abordagem teórico-metodológica que considera a ligação intrínseca existente entre a linguagem e a sociedade. Ao conceituá-la, Charaudeau (2005) explica a nomenclatura utilizada da seguinte maneira:

Semio-, de 'semiosis', evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; lingüística para destacar que a matéria principal da forma em questão – a das línguas naturais. Estas, por sua dupla articulação, pela particularidade combinatória de suas unidades (sintagmático-paradigmática em vários níveis: palavra, frase, texto), impõem um procedimento de semiotização do mundo diferente das outras linguagens (Charaudeau, 2005, p. 13).

Desse modo, trata-se de uma teoria que considera as múltiplas semioses envolvidas em uma produção discursiva. Além disso, segundo Machado (1992, p. 26), a análise de discurso proposta por Charaudeau se caracteriza por ser “[...] uma análise que examina as condições de produção e de existência dos enunciados e dos efeitos extralingüísticos que, paradoxalmente, o uso da linguagem busca obter”. Em vista disso, é uma teoria ampla que permite analisar discursos a fim de observar os efeitos de sentido produzidos por ele. Assim, Charaudeau (2005) propõe algumas categorias analíticas para que tal análise seja procedida. Neste trabalho, destacam-se o contrato de comunicação, os sujeitos do ato de linguagem, as estratégias discursivas e os imaginários sociodiscursivos.

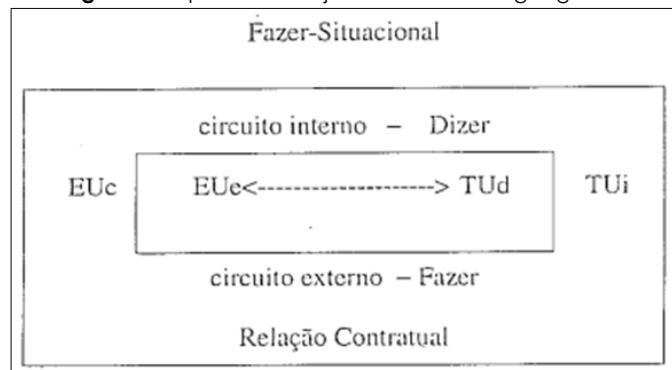
2.1.1 Contrato de comunicação e os sujeitos do ato de linguagem

Ao abordar o contrato de comunicação, Charaudeau (2014, p. 56) aponta que se trata de uma noção que “[...] pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo com as representações languageiras dessas práticas”. Dessa forma, ele pode ser visto como um acordo implícito que há entre locutor e interlocutor em um ato comunicativo quanto aos papéis discursivos e às expectativas da troca (Charaudeau, 2014). O linguista indica que, por meio desse contrato, é possível identificar:

[...] a *finalidade* do ato de linguagem, que consiste em responder à pergunta: 'estamos aqui para dizer ou fazer o quê?'; a *identidade* dos parceiros da troca languageira, em resposta à pergunta: 'quem fala a quem?'; o *domínio de saber* veiculado pelo objeto da troca, respondendo à pergunta: 'sobre o quê?'; enfim (mas não se trata de uma cronologia), o *dispositivo* constituído pelas circunstâncias materiais da troca, respondendo à pergunta 'em que ambiente físico de espaço e tempo?' (Charaudeau, 2005, p. 4, grifos do autor)

Considerando a identidade dos parceiros da troca languageira, é imprescindível discorrer sobre os sujeitos do ato de linguagem. Charaudeau (2001) expõe que tal ato associa o dizer e o fazer. Para o linguista, “o fazer é o lugar da instância situacional que se auto-define pelo espaço que ocupam os responsáveis deste ato [...]. O dizer é o lugar da instância discursiva que se auto-define como uma encenação da qual participam seres da palavra [...]” (Charaudeau, 2001, p. 28). Nessa perspectiva, trata-se de um fenômeno duplo, o qual apresenta um circuito interno, referente ao dizer, e um circuito externo, ligado ao fazer, como se observa no quadro a seguir:

Figura 1: Esquema dos sujeitos do ato de linguagem



Fonte: Charaudeau (2001, p. 29)

Nesses circuitos, encontram-se os sujeitos do ato de linguagem, os quais se estabelecem dentro das instâncias de produção e de recepção discursiva. No circuito externo, há o sujeito comunicante (EUc), pertencente à produção, e o sujeito interpretante (TUi), ligado à recepção. O comunicante se refere ao ser psicossocial que produz o discurso, sendo o articulador das falas, já o interpretante consiste naqueles que entram em contato com o discurso, fazendo abstrações sobre ele. No circuito interno, há o sujeito enunciador (EUe), concernente à produção, e o sujeito destinatário (TUD), que pertencente à recepção. O enunciador se constitui como o “ser da fala” em um discurso, enquanto o destinatário é o destinatário idealizado pelo enunciador.

2.1.2 Estratégias discursivas

As estratégias discursivas se referem a um espaço de manobras que o sujeito enunciador do discurso utiliza para construir seu discurso a fim de alcançar o interlocutor, de modo a fazê-lo concordar com seu ato de linguagem para que sua visada discursiva seja efetivada. Logo, tais estratégias se encontram no nível discursivo de um ato de linguagem, ou seja, no lugar em que há a intervenção do sujeito enunciador. Elas se dividem em três planos:

a) plano de legitimidade, no qual as estratégias são determinantes da posição de autoridade do sujeito enunciador, ou seja, tais estratégias fundamentam a autoridade do sujeito, sendo, portanto, orientadas em função do "eu"; b) plano de credibilidade, no qual as estratégias determinam a posição de verdade do sujeito, isto é, no plano da credibilidade, o sujeito enunciador está preocupado em mostrar que o seu discurso é verdadeiro e que ele pode ser tomado como verdade, orientando o ato de linguagem para si próprio, o "ele"; c) plano de captação, cujas estratégias objetivam fazer com que o parceiro da troca comunicativa entre no mesmo arranjo enunciativo proposto pelo EU, sendo, assim, orientadas em função do "tu" (Corrêa-Rosado, 2014, p. 15).

Em vista disso, é importante considerar a legitimidade do sujeito que enuncia, a fim de averiguar como seu estatuto social lhe confere um poder de fala em determinada configuração discursiva. Cabe destacar que a legitimidade desse sujeito pode advir tanto de informações pré-estabelecidas sobre sua identidade social, quanto por meio de indícios que tal sujeito mobiliza em seu ato de fala para afirmar sua posição de autoridade (Charaudeau, 2005). Também é essencial verificar como a credibilidade desse discurso é construída, visualizando quais métodos são utilizados para tornar o discurso crível. De acordo com Charaudeau (1996, p. 33), a credibilidade "representa uma capacidade de capitalizar uma autoridade de fato pela demonstração de um saber-fazer (competência)". Para isso, o sujeito enunciador constrói seu discurso criando uma imagem positiva de si, como um sujeito portador da verdade com o intuito de convencer o interlocutor de sua confiabilidade. Do mesmo modo, é relevante observar como a captação do público é desenvolvida, ou seja, quais meios são utilizados para chamar a atenção do destinatário por meio de sua afetação emocional, considerando que o enunciador "[...] pode usar uma manipulação discursiva que atinge o componente afetivo de seu interlocutor ao criar nele moções emocionais (efeitos de pathos) que o coloquem à sua mercê. (Charaudeau, 2010, p. 10). Dessa maneira, o efeito patêmico configura-se como um recurso retórico fundamental na construção da persuasão.

Portanto, trata-se de estratégias que o sujeito enunciador mobiliza na sua construção discursiva com o intuito de "criar relações de aliança ou de oposição com relação a seu(s) destinatário(s)" (Charaudeau, 2005, p. 13). Dessarte, observar como essas estratégias são empregadas em um discurso é importante para visualizar como os efeitos de sentidos gerados por tal discurso partem de manobras do sujeito produtor desse ato de linguagem para atingir seu interlocutor, observando quais estratégias são essas e como atuam como importantes métodos de influência discursiva.

2.1.3 Imaginários sociodiscursivos

Outra categoria da Teoria Semiolinguística é a referente aos imaginários sociodiscursivos. Charaudeau (2017) remete a eles como

[...] uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual [...] constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante (Charaudeau, 2017, p. 578).

Trata-se, portanto, de crenças, formas de ver o mundo que são socialmente compartilhadas. À vista disso, os imaginários sociodiscursivos “[...] circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência para seus membros” (Charaudeau, 2006, p. 203). Vale salientar que esses imaginários, de acordo com Charaudeau, (2017, p. 579), constroem-se “[...] de sistemas de pensamento coerentes a partir de tipos de saber que são investidos, por vezes, de *pathos* (o saber como afeto), de *ethos* (o saber como imagem de si) ou de *logos* (o saber como argumento racional)”. Logo, esses saberes podem ser identificados em uma construção discursiva, refletindo imaginários difundidos socialmente.

Os saberes se estruturam em diferentes tipos, os de conhecimento e os de crença, sendo eles responsáveis pela organização dos sistemas de pensamento. Os saberes de conhecimento se pautam na verdade, na objetividade quanto aos fenômenos do mundo, se dividindo em outros dois tipos de saberes: o científico e o de experiência. Enquanto o científico se liga à razão científica, na ordem do provado, o saber de experiência se relaciona às experiências do indivíduo quanto ao mundo, sem garantias, dado que as explicações apreendidas não podem ser provadas (Charaudeau, 2017).

Concernente aos saberes de crença, eles se relacionam a “[...] avaliações, apreciações, julgamentos a respeito dos fenômenos, dos eventos e dos seres do mundo, seu pensamento e seu comportamento” (Charaudeau, 2017, p. 582). Dessa forma, pertencem ao domínio do valor, dando lugar aos saberes de revelação e de opinião. O saber de revelação se baseia na ideia de que existe uma verdade que é exterior ao sujeito, não podendo ser provada, pautando-se em uma perspectiva religiosa que ampara os valores existentes no mundo. Por sua vez, os saberes de opinião se referem ao julgamento e à opinião que são feitos sobre os fenômenos do mundo, de modo que o sujeito se impõe em relação a ele (Charaudeau, 2017).

Charaudeau (2017, p. 587) indica que o papel do analista “[...] consiste em ver como aparecem os imaginários, em qual situação comunicativa eles se inscrevem e qual visão de mundo eles testemunham”. Dessa maneira, verificar como os imaginários se apresentam em determinada construção discursiva é importante para entender como tal discurso constrói e reproduz realidades e como ele influencia a forma como as pessoas de determinado grupo social se percebem no mundo. Isso porque “[...] os discursos e os tipos de saberes diferem de uma comunidade à outra, revelando ao mesmo tempo características identitárias dessas mesmas comunidades” (Charaudeau, 2017, p. 587). Assim, por meio de uma análise da ativação de tais imaginários, é possível analisar questões relacionadas a estruturas simbólicas que se ligam à organização de sentidos em um ato de linguagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De modo geral, a metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa-interpretativista. Para além disso, tratando-se de um trabalho incluso no campo da Análise do Discurso, destaca-se a percepção de Charaudeau (2005) de que o discurso “[...] constitui um campo disciplinar próprio, com seu domínio próprio de objetos, seu conjunto

de métodos, de técnicas e de instrumentos. Entretanto, há diferentes maneiras de problematizar seu estudo". Dessa forma, é possível utilizar diversas abordagens metodológicas, como a Semiolinguística. É sobretudo nessa perspectiva que nos baseamos para construir a base metodológica deste trabalho.

Considerando que AD comprehende uma abordagem empírico-dedutiva, partindo da linguagem enquanto material empírico para chegar a deduções, este estudo se encaixa nessa concepção, pois buscar partir do conteúdo empírico para a dedução como caminho de análise dos relatos a serem analisados. Isso será feito por meio das categorias analíticas da Teoria Semiolinguística de Charaudeau voltadas ao contrato de comunicação, aos sujeitos do ato de linguagem, às estratégias discursivas e aos imaginários sociodiscursivos.

Como mencionado, o corpus do trabalho abrange três relatos publicados no site do projeto "Periferias da Pandemia". Tais relatos contêm narrativas de três pessoas de diferentes regiões do Brasil: André, de Roraima (região norte); Bruno Queirós, de São Paulo (região sudeste) e Laércio Gomes Silva, de Alagoas (região nordeste). Os relatos foram selecionados com base em critérios de inclusão que privilegiaram textos assinados, escritos em primeira pessoa e que apresentassem experiências da pandemia vividas por pessoas de diferentes regiões geográficas do país, a fim assegurar a diversidade regional e a autenticidade das vozes retratadas. Foram excluídos relatos anônimos ou que não apresentassem vínculo direto com vivências pessoais da pandemia, como textos predominantemente descriptivos e genéricos. Desse modo, dentre os relatos que se encaixaram nos critérios estabelecidos, foram escolhidos três que pertenciam a sujeitos de diferentes regiões e que mais chamavam atenção quanto ao conteúdo abordado. O corpus, portanto, possibilita visualizar as percepções de indivíduos de periferias de regiões diversas, demonstrando como essas pessoas vivenciaram a pandemia em diferentes locais do país. Segue a apresentação do corpus:

Quadro 1: Corpus do artigo

Relato	Data de publicação	Link de acesso
Relato 1: André - Boa Vista / Roraima	21/06/2023	https://periferiasnapandemia.fpabramo.org.br/testemunho/andre/
Relato 2: Bruno Queirós - São Paulo / São Paulo	04/10/2022	https://periferiasnapandemia.fpabramo.org.br/testemunho/bruno-queiros/
Relato 3: Laércio Gomes da Silva - Maceió / Alagoas	21/06/2023	https://periferiasnapandemia.fpabramo.org.br/testemunho/laecio-gomes-da-silva/

Fonte: Elaboração própria

A princípio, foi feito um estudo bibliográfico referente às categorias analíticas da Teoria Semiolinguística de Charaudeau que seriam utilizadas nas análises. Posteriormente, foi selecionado o corpus e iniciadas as análises. Quanto às análises, primeiramente, foram identificados os contratos de comunicação e os sujeitos do ato de linguagem de cada relato e feita uma discussão sobre suas constituições nesses discursos. Em seguida, foi feita a identificação das estratégias discursivas presentes nos relatos. Logo após, foram identificados e discutidos os imaginários sociodiscursivos que perpassam esses discursos. Por fim, algumas considerações finais foram traçadas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Por terem sido retirados de um mesmo site, o “Periferias da pandemia”, espaço pelo qual esses discursos circulam, alguns dos elementos analíticos, seguindo as categorias elencadas, assemelham-se nos três relatos. Em vista disso, é importante destacar, de forma conjunta, tais aspectos a fim de evitar repetições desnecessárias nas análises individuais. Quanto ao contrato de comunicação, dado que a ideia do site é divulgar testemunhos sobre as vivências na pandemia de pessoas de locais periféricos, é possível citar que apresentar essas experiências é a finalidade geral dos relatos. Contudo, cada um deles apresenta finalidades específicas, as quais serão assinaladas separadamente. No que se refere ao dispositivo de circulação desses discursos, destaca-se que o próprio site é seu suporte de divulgação, como supracitado.

Quanto aos sujeitos do ato de comunicação, os destinatários gerais dos relatos são a população brasileira, de forma ampla, no entanto, é possível que cada um tenha alguns direcionamentos específicos, o que se verá mais adiante. Os sujeitos interpretantes desses discursos se concentram naqueles que, em algum momento e de algum modo, terão contato com eles e farão interpretações a seu respeito. Já em relação aos sujeitos comunicantes e enunciadores, às estratégias discursivas e aos imaginários sociodiscursivos mobilizados nesses discursos, estes serão destacados separadamente nas análises que se seguem.

4.1 Relato 1: André - Boa Vista / Roraima

O primeiro relato elencado para análise foi produzido por um sujeito identificado como André, da cidade de Boa Vista, estado de Roraima. Sua publicação ocorreu no dia 21 de junho de 2023, sendo este o exemplar da Região Norte do Brasil. Segue a apresentação do relato:

Em Roraima, a Pandemia conseguiu se juntar a um dos piores períodos possíveis para ocorrer, o governo bolsonaro (sic), o mesmo governo que falava para passar a boiada. Isso já fazia ficar claro que a importância da população brasileira não era o principal foco dele. Digo isso, porque os principais afetados por essa políticas (sic) são os povos originários, indígenas. Aqui na nossa região em que sou agricultor, acabava não tendo sensação de segurança, porque ao mesmo tempo em que a Covid matava, os grileiros de terra e invasores de terra também matavam, sendo que o bolsonaro (sic) dava essa liberdade, o aval para ele. Assim, quando a morte não vinha de um lado, ela te dava de outro. Não havendo medidas do governo para conter essas dificuldades. Além disso, a mídia não nos ajudava muito, porque sempre essa pautas (sic) de grilagens ficam invisibilizadas, (sic) porque estamos fora do eixo Rio São Paulo, local de onde saem os maiores noticiamentos, enquanto ficamos aqui, esquecidos, como se não existisse violência e o nosso existir na região norte fosse visto apenas com a ideia de paz e naturalidade, desfocando a falta de informações sobre a violência. Tendo o governo escolhido não nos ajudar (André, 2023, n.p.).	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15
--	---

Quanto ao contrato de comunicação estabelecido nesse discurso, é possível observar que ele tem por finalidade relatar e denunciar a situação vivida no Norte do país no contexto pandêmico. Para isso, André expõe aspectos que demonstram o quanto a região foi invisibilizada pela mídia e esquecida pelo governo, destacando as dificuldades que os moradores passaram ao ter que lidar com a Covid-19 e com a violência dos grileiros. Nesse testemunho, a identidade de André como um agricultor que denuncia a situação de sua região se ressalta nesse contrato. A identidade de Bolsonaro também é citada nesse discurso ao ser feita uma crítica ao “governo Bolsonaro”, a qual está inclusa dentro

de seu papel como governante. Concernente aos sujeitos desse ato de linguagem, André pode ser identificado como o sujeito comunicante desse discurso, sendo seu produtor. Como sujeito enunciador, ele dá espaço a uma identidade enquanto um ser da fala que denuncia e critica a situação vivida, colocando-se como porta-voz de uma comunidade marginalizada. No campo da recepção, o enunciador direciona seu discurso à sociedade brasileira em geral, mas, em especial, àqueles que se encontram fora da Região Norte e que não têm conhecimento sobre essa realidade.

Dentre as estratégias discursivas mobilizadas, a legitimidade é assinalada quando André se coloca como um agricultor pertencente ao Norte em falas como “Aqui na nossa região em que sou agricultor” (linha 5), nas quais ele demonstra ter conhecimento de causa sobre a grilagem, por trabalhar no campo da agricultura, e também se coloca como um nortista que fala por um grupo ao qual pertence. No campo da credibilidade, o uso de exemplos concretos como nas falas “ao mesmo tempo em que a Covid matava, os grileiros de terra e invasores de terra também matavam” (linhas 6 e 7) traz à tona a veracidade da denúncia da violência vivida em meio a um período conturbado. Além disso, o fato de André demonstrar vivenciar tal realidade, colocando-se no discurso, como observado em “ficamos aqui, esquecidos” (linha 12) e “nossa existir” (linha 13), indica que ele tem um saber de experiência quanto à situação vivida, colocando-o como alguém que tem uma posição que lhe permite trazer à tona a verdade sobre essa condição.

A captação é marcada em trechos que possuem um apelo emocional, o que é feito pelo destaque ao sofrimento e à invisibilidade dos nortistas. Isso ocorre na fala “quando a morte não vinha de um lado, ela te dava oi do outro” (linhas 8 e 9), na qual André chama a atenção do público ao tratar da morte como algo de que eles não podiam fugir, demonstrando a triste situação dos moradores. Já a questão da invisibilidade se evidencia nas falas “estamos fora do eixo Rio São Paulo” (linha 11) e “como se não existisse violência e o nosso existir na região norte fosse visto apenas com a ideia de paz e naturalidade, desfocando a falta de informações sobre a violência. Tendo o governo escolhido não nos ajudar” (linhas 12,13,14 e 15), uma vez que elas indicam que o Norte foi esquecido tanto pela mídia quanto pelo governo, posto que não se trata de uma região visibilizada nos meios de comunicação e o governo não fez o suficiente para ajudá-la, segundo o que aponta o enunciador.

Referente aos imaginários sociodiscursivos que emergem desse discurso, observa-se que são mobilizados imaginários como o dos indígenas como vítimas, como se vê na fala “porque os principais afetados por essa políticas (sic) são os povos originários, indígenas” (linhas 4 e 5), na qual o enunciador aponta a marginalização desse grupo, o qual se encontra, em sua maioria, no norte do país. Junto a isso, o imaginário da Região Norte como lugar de paz e naturalidade é questionado na fala “como se não existisse violência e o nosso existir na região norte fosse visto apenas com a ideia de paz e naturalidade” (linhas 12, 13 e 14), a qual evidencia um novo imaginário da região como um local violento e esquecido, se tornando uma periferia nacional.

No que tange ao esquecimento, há ainda a desconstrução do imaginário do governo como protetor, trazendo uma visão de Estado negligente em trechos como “a Pandemia conseguiu se juntar a um dos piores períodos possíveis para ocorrer, o governo bolsonaro (sic), o mesmo governo que falava para passar a boiada. Isso já fazia ficar claro que a importância da população brasileira não era o principal foco dele” (linhas 1,2,3 e 4) e “Tendo o governo escolhido não nos ajudar” (linhas 14 e 15). Tais falas criticam a postura do governo Bolsonaro diante da situação do Norte, denunciando sua negligência pela

falta de apoio à região. Paralelamente, é apontado também o esquecimento por parte da mídia, a qual, ao ser citada, demonstra a ativação de um imaginário de invisibilidade midiática, criticando o imaginário existente de mídia como porta-voz, o qual não condiz com a situação nortista na pandemia, dado que os veículos midiáticos não deram atenção à região.

Tendo em vista esses aspectos, é possível observar que o relato de André traz à tona a marginalização do povo nortista como algo presente em momentos pré-pandêmicos e que se intensificou na pandemia com a falta de visibilidade midiática e de apoio governamental. Assim, os moradores da região, sobretudo de Roraima, tiveram que lidar, ao mesmo tempo, com a Covid-19 e com outras questões preocupantes que já enfrentavam, como a grilagem e seu teor violento. O enunciador desse discurso busca, desse modo, denunciar e criticar essa marginalização que assola a região, demonstrando que o Norte é uma periferia esquecida que viu intensificar mazelas sociais durante a pandemia.

4.2 Relato 2: Bruno Queirós - São Paulo / São Paulo

O segundo relato a ser analisado foi escrito por Bruno Queirós, morador da cidade de São Paulo, sendo este o exemplar da Região Sudeste. O testemunho foi publicado dia 4 de outubro de 2022. A seguir, a apresentação do relato:

Na pandemia ainda morava com meus pais, tava planejando a minha mudança, que só deu certo pós pandemia, morava no Jd Irene. Não trabalhava remoto, mas com o isolamento, acabei trabalhando de casa, e isso foi um puta privilégio. Meu pai, varredor de rua, trabalhou nos primeiros meses, mas depois ficou uns meses em casa, e por pressão do governo, teve que voltar pra rua, isso falando de uma pessoa com mais de 60 anos de idade, que por sorte e seguindo todos os cuidados, não contraiu COVID.	1
Na quebrada dava pra perceber que não mudou muita coisa. As pessoas precisavam ir trabalhar pra continuar garantindo o sustento, mas com muitas empresas aderindo pro remoto, muitos comércios fecharam, e não dá fazer home office quem trampa de cozinheiro ou na limpeza. A ajuda do governo com o auxílio (sic) emergencial demorou, mas veio, não o suficiente pra quem precisava. Os mercadinhos da quebrada colocando os preços lá em cima, e quem precisava de comida no prato tinha que fazer milagre. Ainda sinto alguns efeitos do isolamento, principalmente psicológicos, mas com certeza, quem mais precisou do estado nesse momento, a ajuda foi pouca e não o suficiente. (Queirós, 2022, n.p.).	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16

A análise do contrato de comunicação desse discurso nos indica que ele tem como finalidade testemunhar a experiência vivida pelo enunciador na pandemia e criticar tanto a desigualdade social quanto a omissão do governo nesse contexto. Assim, Bruno apresenta aspectos sobre sua vida pessoal e como ele e sua família lidaram com o isolamento, além de expor o cenário que envolveu as demais pessoas de sua comunidade, o Jardim Irene. Como no relato anterior, sua identidade como morador do local é demarcada, além de ele citar outras identidades, como a de seu pai e, de modo mais amplo, das demais pessoas da periferia.

No âmbito da produção, os sujeitos envolvidos nesse ato de comunicação podem ser identificados da seguinte maneira: Bruno atua como sujeito comunicante, sendo ele o produtor desse discurso e, ao escrever o relato, ele coloca em cena um sujeito enunciador que se apresenta como um morador do Jardim Irene que relata, denuncia e critica a conjuntura que abarca sua realidade social ao compartilhar sua experiência pessoal e comunitária. É importante citar que Bruno ressalta que, em meio ao contexto periférico,

ele teve certos privilégios, como poder trabalhar em casa, realidade que não foi possível para muitos que viviam na mesma comunidade.

No que tange às estratégias discursivas utilizadas pelo enunciador, sua legitimidade é construída ao assinalar que ele era morador do Jardim Irene na fala “morava no Jd Irene” (linha 2), o que indica que ele possui lugar de fala para abordar a situação vivida por ele e sua comunidade. Quanto à credibilidade, ela se apresenta por meio dos relatos que Bruno traz de sua própria vivência, o que demonstra seu saber de experiência para tal. Ademais, ao utilizar termos como “puta privilégio” (linha 3), o enunciador traz à tona uma linguagem real e concreta que reforça que ele tem consciência da realidade relatada, como seu privilégio diante de seus pares.

Como forma de captar o público, o que se destaca nesse discurso é a valorização da luta periférica, buscando afetar o interlocutor ao relatar as dificuldades enfrentadas pelos moradores. Um exemplo disso é a narração do caso do próprio pai do enunciador, destacando que ele teve que continuar trabalhando nas ruas, enfrentando os riscos de contaminação. Diante disso, a fala “isso falando de uma pessoa com mais de 60 anos de idade, que por sorte e seguindo todos os cuidados, não contraiu COVID” (linhas 5, 6 e 7) chama a atenção do público para esse perigo, podendo causar empatia no interlocutor. Além disso, tanto esse trecho quanto outros como “Os mercadinhos da quebrada colocando os preços lá em cima, e quem precisava de comida no prato tinha que fazer milagre” (linhas 12, 13 e 14) demonstram que, mesmo em um contexto de crise sanitária, pessoas marginalizadas têm que continuar indo à luta, dado que não possuem condições de se isolarem por conta da necessidade de trabalhar, independentemente dos riscos.

Cabe mencionar que falar em ter que “fazer milagre” nesse cenário, assim como a citação dos impactos mentais ocasionados pela pandemia na fala “sinto alguns efeitos do isolamento, principalmente psicológicos” (linhas 14 e 15) também servem como um meio de captar o público de forma patêmica, posto que são falas que indicam quadros decorrentes da pandemia, como a necessidade de enfrentar dificuldades e lidar com as consequências psicológicas do isolamento. Desse modo, muitos podem se identificar com tais situações, sendo afetados emocionalmente por essas colocações.

Tendo em vista os imaginários sociodiscursivos que emergem desse discurso, observa-se que nele também é ativada a ideia do Estado como negligente, desconstruindo-se seu papel como protetor, uma vez que há uma crítica ao governo, como nos trechos “por pressão do governo, teve que voltar pra rua” (linha 5) e “mas com certeza, quem mais precisou do estado nesse momento, a ajuda foi pouca e não o suficiente” (linhas 15 e 16), os quais ressaltam aspectos negativos referentes à atuação governamental no período. Além disso, há a ativação de um imaginário da periferia como local marginalizado, pois em falas como “Na quebrada dava pra perceber que não mudou muita coisa (linha 8) e “A ajuda do governo com o auxílio (sic) emergencial demorou, mas veio, não o suficiente pra quem precisava” (linhas 11 e 12), o enunciador demonstra que os moradores da periferia já enfrentavam dificuldades e isso continuou na pandemia, inclusive se agravando devido à necessidade de isolamento social, que fez com que muitos comércios fechassem, considerando que muitos não tinham a opção de trabalhar em casa, o que é demonstrado na fala “não dá pra fazer home office quem trampa de cozinheiro ou na limpeza” (linhas 10 e 11). Esses relatos, junto ao destaque do enunciador para seu próprio privilégio em trabalhar em casa, também mobilizam um imaginário ligado à desigualdade social, pois demonstram que nem todos puderam lidar

da mesma forma com o cenário pandêmico, inclusive havendo diferenças entre pessoas de um mesmo contexto socioeconômico.

O relato de Bruno, portanto, apresenta uma perspectiva de alguém que veio de uma periferia urbana, uma comunidade de São Paulo. Assim, o enunciador aponta como as desigualdades sociais permaneceram e se aprofundaram no contexto pandêmico, indicando, em um viés crítico, como o governo falhou no amparo às pessoas vulnerabilizadas, pois, mesmo com o oferecimento de auxílio financeiro, muitos permaneceram em situação crítica socioeconOMICAMENTE. Logo, trata-se de um relato que parte de uma experiência pessoal e da visualização da realidade ao seu redor, sendo o enunciador um sujeito que demonstra ser consciente das desigualdades que abrangem a sociedade e sua própria comunidade.

4.3 Relato 3: Laércio Gomes da Silva – Maceió / Alagoas

O terceiro relato selecionado foi publicado dia 21 de junho de 2023, tendo sido produzido por Laércio Gomes da Silva, da cidade de Maceió, estado do Alagoas. Dessa maneira, trata-se de um exemplar da Região Nordeste. O relato possui o seguinte conteúdo:

Olá meu nome é LAÉRCIO. Sou mestre de percussão mestre da BANDA AFRO DENDÊ. Uma das nossas atividades aqui em nosso projeto. Que tem o nome ESPAÇO CULTURAL AFRO DENDÊ. Eu sou coordenador e idealizador do nosso projeto. Então sobre a pandemia nós sabemos que foi uma fatalidade perdemos muitos amigos morreu muita gente mais muita gente mesmo e foi um momento de muita solidariedade, foi um momento que testemunhamos todos nós somos iguais (sic). A pandemia ela veio pra destruí (sic) o rico o pobre o preto o branco. Então foi um momento que vimos todos darem as mãos juntos com a realização de campanhas. Para arrecadação de cestas básicas. Material para proteção. E higiene. E até em dinheiro mesmo. Então a pandemia ela veio assim no meu ponto de vista ela veio pra nos ensinar a ser mais coletivos a pensar mais no próximo. Pq (sic) enquanto todos estavam se unindo em campanhas para ajudar um ao outro no momento tínhamos um governante. Um presidente que não se preocupou (sic) com a sua nação. Além de rir da situação. E fazer deboche das situações trágicas que estava (sic) acontecendo. Um presidente medíocre e genocida. Aqui em nosso espaço cultural fizemos campanha junto com a universidade federal de Alagoas. E conseguimos distribuir cestas básicas pra comunidade. Material de higiene. E também (sic) tivemos atividades de palestras por professores e alunos da universidade. Nós (sic) ensinando e nos orientando como se prevenir da COVID. Então aqui nos transformou o nosso espaço cultural. Em uma base. Um quartel. Pra atender e orientar as pessoas. Como se prevenir (sic) e se proteger do COVID. Distribuindo acessórios de proteção. Máscaras. Álcool gel. Conseguimos também distribuir bastante sabão, sabonete. Até escovas e pasta de dentes. Que ganhamos pra fazer a distribuição. Então surgiu o auxílio emergencial que por parte dos governantes. E que tivemos o um dos menores valor de auxílio se comparando com outros países. Onde teve também um descontrole. Pessoas que não precisava (sic) teve acesso ao auxílio e algumas pessoas que precisava (sic) não teve acesso. Mais em fim quem conseguiu passar pela a pandemia e hoje está aqui pra contar a história só tem que agradecer muito a deus. Seria muito bom que as solidariedades (sic) continuasse um ajudando ao outro. Um pensando no outro. (Silva, 2023, n.p.).	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29
---	---

O contrato de comunicação desse discurso apresenta como finalidade relatar os desafios do contexto pandêmico e a solidariedade de uma comunidade nesse período, além de buscar denunciar a negligência governamental. Logo, Laércio apresenta tanto os aspectos negativos da pandemia, como as falhas governamentais, as mortes e os abalos sofridos, quanto os aspectos positivos, pautados nas ações solidárias das pessoas. Como nos relatos anteriores, a identidade de quem relata é explicitamente marcada. Nesse viés, dentre os sujeitos desse ato de linguagem, Laércio se constitui como o sujeito comunicante, o ser social que produz esse discurso. Ao se apresentar como um líder

comunitário e agente cultural, ele se torna o enunciador desse discurso, colocando em cena tal papel para relatar as vivências de sua comunidade na pandemia.

Em relação às estratégias discursivas mobilizadas pelo enunciador, observa-se que, ao se apresentar no trecho “Sou mestre de percussão mestre da BANDA AFRO DENDÊ. Uma das nossas atividades aqui em nosso projeto. Que tem o nome ESPAÇO CULTURAL AFRO DENDÊ. Eu sou coordenador e idealizador do nosso projeto” (linhas 1, 2 e 3), Laércio constrói sua legitimidade enquanto um sujeito que tem autoridade para falar sobre a realidade de sua comunidade, tendo em vista seu papel nela. Já a credibilidade de seu discurso é produzida por meio de seu saber de experiência sobre o contexto relatado, assim como por meio das exemplificações que o enunciador apresenta referente às ações solidárias, como quando cita as campanhas “Para arrecadação de cestas básicas. Material para proteção. E higiene. E até em dinheiro mesmo” (linhas 8 e 9). Além disso, na fala “Aqui em nosso espaço cultural fizemos campanha junto com a universidade federal de Alagoas. E conseguimos distribuir cestas básicas pra comunidade. Material de higiene. E também (sic) tivemos atividades de palestras por professores e alunos da universidade” (linhas 15, 16, 17 e 18), a menção à universidade e aos professores e alunos credibiliza o discurso, trazendo uma valorização para as ações realizadas.

No âmbito da captação, inicialmente, é possível citar a referência às mortes decorrentes da pandemia no trecho “foi uma fatalidade perdemos muitos amigos morreu muita gente mais muita gente mesmo e foi um momento de muita solidariedade” (linhas 4 e 5), sendo uma fala capaz de atingir o interlocutor ao fazê-lo relembrar tais ocorrências. Nessa mesma fala, Laércio menciona a solidariedade que surgiu nesse cenário, podendo chamar a atenção para um aspecto positivo: a união em prol de um bem comum. O trecho final “Mais em fim quem conseguiu passar pela a pandemia e hoje está aqui pra contar a história só tem que agradecer muito a deus. Seria muito bom que as solidariedade (sic) continuasse um ajudando ao outro. Um pensando no outro” (linhas 26, 27, 28 e 29) reforça essas ideias, posto que também traz a ideia de que houve sobreviventes de um período negativo, o que indica que muitos não sobreviveram também, e que a solidariedade foi um aspecto positivo que restou, sendo necessária sua manutenção. Além disso, há trechos que apresentam críticas ao governo como em “enquanto todos estavam se unindo em campanhas para ajudar um ao outro no momento tínhamos um governante. Um presidente que não se preocupou (sic) com a sua nação. Além de rir da situação. E fazer deboche das situações trágicas que estava acontecendo. Um presidente medíocre e genocida” (linhas 11, 12, 13, 14 e 15). Essas falas também servem como meio de captação do público, pois chamam atenção e podem fazer com que ele concorde ou discorde desse posicionamento.

No que tange aos imaginários que surgem nesse discurso, observa-se, no trecho supracitado, a ativação de um imaginário de governo negligente, trazendo uma imagem negativa do ex-presidente Bolsonaro, o qual não é citado diretamente, mas subentende-se que se refere a ele, dado que era quem governava o país no período da pandemia. Ainda sobre o governo, a fala “Então surgiu o auxílio emergencial que por parte dos governantes. E que tivemos o um dos menores valor de auxílio se comparando com outros países. Onde teve também um descontrole. Pessoas que não precisava (sic) teve acesso ao auxílio e algumas pessoas que precisava (sic) não teve acesso” (linhas 23, 24, 25 e 26) também apresenta um imaginário que indica que o governo não controlou bem o oferecimento do auxílio governamental, reforçando uma ideia de negligenciamento.

Um imaginário da solidariedade como valor também emerge desse relato, o que é indicado em falas como “Seria muito bom que as solidariedade (sic) continuasse um ajudando ao outro. Um pensando no outro” (linhas 28 e 29). Ademais, o imaginário da pandemia é marcado por sua visão como um período de ensinamento, o que se vê no trecho “Então a pandemia ela veio assim no meu ponto de vista ela veio pra nos ensinar a ser mais coletivos a pensar mais no próximo” (linhas 9, 10 e 11), sendo esta uma colocação do que se tirou de bom desse período. Já a fala “foi um momento que testemunhamos todos nós somos iguais. A pandemia ela veio pra destruí (sic) o rico o pobre o preto o branco” (linhas 5, 6 e 7) traz uma ideia de ensinamento decorrente da pandemia em sua frase inicial, como se ela tivesse possibilitado observar que todos são iguais. Contudo, essa mesma fala traz à tona uma visão de que foi um período que afetou a todos igualmente, independente da classe social ou cor de pele, o que contradiz os relatos anteriores e desponta um imaginário diferente de igualdade. Tendo em vista que, por mais que todos tenham sido afetados, é evidente que aqueles já viviam em situação de vulnerabilidade foram atingidos de forma mais dura, dada as dificuldades que seu contexto socioeconômico já trazia, uma suposição seria a de que o enunciador pudesse estar se referindo às dificuldades ligadas a questões emocionais provocadas pela pandemia.

É possível observar também que esse relato ativa um imaginário sobre a cultura afro-brasileira como resistência, uma vez que mostra que um grupo cultural afro realizou diversas ações para ajudar a comunidade em um período de crise. Isso é demarcado no trecho “Então aqui nos transformou o nosso espaço cultural. Em uma base. Um quartel. Pra atender e orientar as pessoas” (linhas 19 e 20). Logo, observa-se que o espaço cultural se transformou em um espaço de apoio àqueles que necessitavam de ajuda durante a pandemia, demonstrando a atuação desse grupo.

O discurso de Laércio se assemelha aos anteriores ao apresentar críticas ao governo do período, mas diverge ao não tratar as desigualdades sociais que se intensificaram na pandemia. É um relato que busca destacar principalmente as ações solidárias de um grupo de pessoas de uma comunidade de Maceió, demonstrando como essas ações foram um aspecto positivo do período pandêmico, sendo essenciais para essa comunidade. A pandemia é colocada, portanto, como um período negativo, o qual acarretou em mortes e contou com falhas governamentais, mas que, ao mesmo tempo, trouxe ensinamentos sobre a necessidade de união e solidariedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos três relatos publicados no site “Periferias na pandemia” sob a ótica da Teoria Semiolinguística tornou possível observar como pessoas de comunidades periféricas de diferentes regiões do Brasil vivenciaram essa crise sanitária, social e econômica. Assim, por meio das análises, foi possível identificar quais são os sujeitos desses discursos, como eles se colocam discursivamente, quais estratégias discursivas mobilizam em seus testemunhos e quais imaginários emergiram de seus relatos.

Quanto ao contrato de comunicação, os três relatos têm como finalidade apresentar testemunhos sobre a pandemia, possuindo um caráter testemunhal e crítico quanto à vivência periférica nesse período. Enquanto o primeiro e o segundo focam mais em aspectos negativos, o terceiro, além de também apresentar críticas, realça o lado positivo que envolve a resistência da comunidade e seu lado solidário. Os enunciadores

de tais discursos se destacam marcando suas identidades enquanto pessoas que teriam um lugar de fala no contexto em que se inserem, dado que vivenciaram de perto as realidades mencionadas, o que traz à tona um saber de experiência que possuem. Assim, eles se legitimam ao pertencerem aos grupos sociais que representam.

A estratégia de captação também está presente nos relatos, uma vez que nos três há o apelo emocional para chamar a atenção do público e envolvê-lo no discurso para que se posicione diante, sobretudo, das denúncias realizadas. No que concerne aos imaginários sociodiscursivos que emergem dos relatos, foi possível observar que há uma recorrência de imaginários ligados a um estado negligente, às desigualdades sociais e à marginalização social. A partir disso, o que mais se evidencia é o imaginário da pandemia como uma fase difícil, de intensificação das desigualdades, estando presente, ainda, um imaginário do período como um momento de aprendizado quanto à necessidade de atuar com solidariedade.

Vale mencionar que, embora tenham sido feitos por pessoas de regiões diferentes, os três relatos compartilham conteúdos em comum, como a negligência governamental no período pandêmico, dado que apresentam críticas à postura do ex-presidente Jair Bolsonaro e à ausência ou pouca eficiência do Estado no trato da pandemia. Além disso, os relatos de Roraima e de São Paulo se assemelham ao destacar as desigualdades sociais no período, sendo que o primeiro ressalta a desigualdade de tratamento que os nortistas tiveram, tendo suas causas invisibilizadas, e o segundo destaca as desigualdades que permearam os próprios moradores de uma mesma comunidade, os quais se tornaram ainda mais vulneráveis socioeconomicamente.

O relato de Alagoas se diverge dessa concepção de desigualdade, posto que seu enunciador aponta uma visão da pandemia como um período que afetou a todos, independente das condições socioeconômicas, o que revela que há quem acredita que não houve uma desigualdade de afetamento. O relato não deixa claro, entretanto, em que dimensões essa possível igualdade se expressa, sendo possível supor que o enunciador talvez estivesse se referindo a impactos emocionais decorrentes da pandemia. Ademais, diferente dos demais, esse relato dá destaque para possíveis aspectos positivos da pandemia, como seus ensinamentos voltados para a necessidade de união e solidariedade entre as pessoas.

Portanto, comprehende-se que os relatos se constituem como importantes formas de expressão de cidadãos periféricos, nos quais eles fazem denúncias e críticas sociais e políticas, sendo um meio de terem voz diante de um período que os silenciou ainda mais. As análises, então, contribuem para a compreensão sobre como esses sujeitos constroem sentidos sobre as vivências na pandemia. Dessa forma, este estudo possibilita observar que os discursos periféricos são formas legítimas de produção de conhecimento, atuando como um meio de resistência simbólica de povos marginalizados em cenários conturbados como o da pandemia de Covid-19.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ. Testemunho. **Periferias na pandemia**. 21 jun. 2023. Disponível em: <https://periferiasnapandemia.fpabramo.org.br/testemunho/andre/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CHARAUDEAU, P. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, A. D. (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-34.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001. p. 23-37.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. LINO; GAVAZZI, S. (org.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (org.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p.161-180.

CHARAUDEAU, P. **Línguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Tradução André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.571-591>. Acesso em: 08 ago. 2025.

CORRÊA-ROSADO, L. C. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. **Revista Memento**, v. 05, n. 02, p. 1-18, jul-dez, 2014. Disponível em:
<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826>. Acesso em: 08 ago. 2024.

MACHADO, I. L. A semiolinguística de Patrick Charaudeau: uma interessante opção de análise discursiva. **Contexto: Revista do Departamento de Línguas e Letras**, n.1-2, p. 26-31, 1992. DOI: <https://doi.org/10.47456/contexto.v%25i%25i.7041>. Acesso em: 08 ago. 2024.

PACHECO, T. Inequality, environmental injustice, and racism in Brazil: beyond the question of colour. **Development in Practice**, v. 18, n. 6, 2008, p. 713-725. Disponível em:
<http://www.jstor.org/stable/27751978>. Acesso em: 6 out. 2025.

QUEIRÓS, B. Testemunho. **Periferias na pandemia**. 4 out. 2022. Disponível em:
<https://periferiasnapandemia.fpabramo.org.br/testemunho/bruno-queiros/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SILVA, L., G. da. Testemunho. **Periferias na pandemia**. 21 jun. 2023. Disponível em:
<https://periferiasnapandemia.fpabramo.org.br/testemunho/laecio-gomes-da-silva/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Declaração de uso de IA

A autora declara que não utilizou ferramentas de Inteligência Artificial (IA) na produção deste artigo científico.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pelo financiamento da pesquisa mediante a concessão de bolsa de doutorado para a autora do artigo. Agradecemos ainda aos pareceristas que avaliaram o trabalho que, com suas sugestões teóricas e metodológicas, contribuíram para o aprimoramento do texto.

*Artigo recebido em: 31/08/2025
Artigo aprovado em: 10/10/2025
Artigo publicado em: 22/10/2025*

COMO CITAR

SILVA, A. C. M. Discursos pandêmicos em contextos periféricos: uma análise semiolinguística de relatos do site Periferias na Pandemia. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-17, e02519, 2025.